



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGÓGIA**

**RELAÇÃO DE GÊNERO NA ESCOLA**

**THAYANE PESSOA SILVA OLIVEIRA**

---

---

---

---

---

THAYANE PESSOA SILVA OLIVEIRA

RELAÇÃO DE GÊNERO NA ESCOLA

Monografia apresentada a disciplina de Estágio Supervisionado em Docência do Curso de pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, na Universidade Federal de Campina Grande como exigência parcial para conclusão de curso.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS – PB  
DEZEMBRO - 2010



0482r Oliveira, Thayane Pessoa Silva.  
Relação de gênero na escola / Thayane Pessoa Silva  
Oliveira.- Cajazeiras, 2010.  
46f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2010.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Relações éticas raciais. 2. Preconceito racial. 3.  
Gênero. 4. Sexo. 5. Relações de gênero - educando -  
educadores. I. Sousa, Débia Suênia da Silva Sousa. II.  
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de  
Formação de Professores. IV. Título

CDU 316.347

Aos meus pais Marlene e Pedro, a meu filho João Pedro, ao meu irmão, aos meus amigos e colegas de trabalho, pelo incentivo, cooperação e apoio, pois, além de terem me acolhido durante todo o curso, compartilharam comigo os momentos de tristezas e também de alegrias, nesta etapa, em que, com a graça de Deus, está sendo vencida.

## AGRADECIMENTOS

À minha família pela paciência em tolerar a nossa ausência e, principalmente, aos meus pais PEDRO e MARLENE, pela grande dedicação aos estudos dos seus filhos.

Ao meu filho JOÃO PEDRO, pelos pequenos ensinamentos veiculados ao meu crescimento espiritual.

As minhas colegas de sala JUCIELY, MICHELY, MIQUELINE e principalmente a minha grande amiga LEIDICLERE, pela espontaneidade e alegria na troca de informações e materiais numa demonstração de amizade e solidariedade.

A todos os professores da instituição de ensino, pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso.

A minha Orientadora Prof<sup>a</sup>. Ms. DÉBIA SUÊNIA SILVA SOUSA, pelo incentivo, simpatia e presteza no auxílio às atividades e discussões sobre o andamento e normalização desta Monografia de Conclusão de Curso.

A prof. MARIA ORLANY DE ABREU CAROLINO, por a sua grande contribuição na correção gramatical desta monografia.

A todos que direta ou indiretamente estão envolvidas no contexto deste trabalho.

E, finalmente, a DEUS, pela oportunidade e pelo privilégio que nos foram dados em compartilhar tamanha experiência de, ao freqüentar este curso, perceber e atentar para a relevância de temas que não faziam parte, em profundidade, das nossas vidas.

Não posso ser professor (a) se não percebo cada vez melhor que, ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. [...] Sou professor (a) a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação [...].

*Paulo Freire*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir através de um estudo mais aprofundado, séries de fatores sociais que vem se destacando no interior das instituições escolares. Trata-se de preconceitos sobre gênero e sexo, absorvidos ainda no meio familiar e também na instituição de ensino que têm gerado grandes desigualdades e estereótipos entre meninos e meninas. Tendo em vista um objetivo a se alcançar, com a construção de uma prática pedagógica não discriminatória e com mais conhecimento prévio sobre o tema gênero e sexo, podendo assim contribuir no intuito de, que a escola seja um lugar de convivência e formação para a igualdade nas relações de gênero, com isto, construir uma educação mais democrática dentro da sala de aula, onde os educandos e educadores possam compartilhar suas diferenças, respeitando as diversidades de identidade e de gênero dentro do contexto escolar. Foi realizado na escola Desembargador Boto na cidade de Cajazeiras especificamente na turma de 4º ano, o processo de observação e entrevista entre os alunos, que exigiu uma obtenção de informações dentro do cotidiano escolar que veio a determinar o assunto ou problema de estudo monográfico. Os dados foram analisados de forma qualitativa preocupando-se com a interpretação do fenômeno. Em outro momento, aconteceu o estágio supervisionado, num processo que exigiu conhecimento da escola pesquisada e de conteúdos didáticos para que fosse desenvolvida uma representatividade de conhecimentos no ensino aprendizagem dos alunos. Embora o estudo aponte que as relações de gênero tenham sofrido muitas transformações ao longo do tempo, ainda prevalece nas escolas e, especificamente, dentro das salas de aula, a distinção entre os sexos, que determinam diferenças comportamentais para os meninos e as meninas, contribuindo assim, para uma necessidade de práticas reflexiva no cotidiano escolar. Esses resultados contribuem na compreensão dos aspectos desafiadores na instituição de ensino escolar, propondo manutenção e ruptura de papéis sociais de gênero às desconstruções e superações de estereótipos entre meninos e meninas.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexo. Desigualdade. Contexto Escolar.

## ABSTRACT

This paper aims to discuss means of further study, a series of social factors which has stood inside the schools. It's preconceptions about gender and sex, still absorbed in the family and also the educational institution that has generated great inequality and stereotyping of boys and girls. Given a goal to be achieved with the construction of a non-discriminatory teaching practice and with more prior knowledge about the theme of gender and sex and thus help in order to, that school is a place of coexistence and equality training for in gender relations, thus, build a more democratic education in the classroom, where learners and educators can share their differences, respecting diversity of identity and gender within the school context. It was done in school in the town of Porpoise Judge Cajazeiras specifically in the class of year 4, the process of observation and interviews among students, who demanded a receipt of information within the school routine that has come to determine the issue or problem of monographic study. The data were analyzed qualitatively worrying about the interpretation of the phenomenon. At another point, there was the supervised training, a process that required knowledge of the researched school and educational content that was developed for a representation of knowledge in teaching for student learning. Although the study point that gender relations have undergone many transformations over time, is still prevalent in schools and, specifically, inside the classroom, the distinction between the sexes, which determine behavioral differences for boys and girls, contributing thus, a need for reflective practice in the classroom. These findings contribute to understanding of the issues challenging the institution of school, offering maintenance and disruption of social gender roles and overcoming the deconstruction of stereotypes between boys and girls.

**Keywords:** Gender. Sex. Inequality. School Context.

## LISTA DE FOTOGRAFIA

FOTOGRAFIA 01: Bingo matemático .....	29
FOTOGRAFIA 02: Minha amiga árvore.....	30
FOTOGRAFIA 03: Vamos fazer uma árvore.....	31
FOTOGRAFIA 04: Varal ecológico.....	32
FOTOGRAFIA 05: Plantação de uma muda.....	33
FOTOGRAFIA 06: Autobiografia .....	36

## LISTA DE QUADRO

QUADRO 01: Concepção de natureza.....	18
QUADRO 02: Concepção de cultura.....	18

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO I - PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	11
1.1 Tipo de pesquisa.....	12
1.2 Instrumentos de coleta de dados.....	12
1.3 Abordagem da pesquisa.....	13
1.4 Sujeito e local da pesquisa.....	13
1.5 Diário de Campo e o Portfólio: construídos no Estágio Supervisionado em Docência.....	13
<b>CAPÍTULO II – RELAÇÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR</b> .....	15
2.1 Relação de gênero: Conceitos estabelecidos.....	16
2.2 Diferenças de sexo e desigualdade de gênero.....	16
2.3 Sexualidade : processo de relação de gênero.....	17
2.4 Questões de gênero no contexto escolar.....	19
<b>CAPÍTULO III – COMPREENSÃO SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR</b> .....	22
3.1 Processo da aprendizagem e identificação dos comportamentos entre meninas e meninos no contexto escola.....	23
<b>CAPÍTULO IV – ACONTECIMENTOS VIVENCIADOS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA</b> .....	26
4.1 Contribuições do estágio na formação docente.....	27
4.2 Atividades desenvolvidas durante o estágio.....	28
4.2.1 Bingo matemático.....	28
4.2.2 Conscientização da preservação a natureza.....	30
4.3 Questões de gênero percebidas durante o estágio na sala de aula.....	34
<b>CONCLUSÃO</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39
<b>ANEXOS</b> .....	41

## INTRODUÇÃO

As práticas educativas abordadas na sala de aula, nos dias atuais, deparam-se com problemas de toda ordem a respeito das diversidades. Ao visitar a Escola Estadual de Ensino Fundamental Desembargador Boto, localizada na Rua Higino Tavares, cidade de Cajazeiras - PB, pode-se perceber ao conversar com a diretora e observar alguns aspectos do cotidiano da escola, que dentre os principais problemas estão as diferenças comportamentais de gênero entre os educando. Fato este que impede um desenvolvimento fluente da aprendizagem na sala de aula, acarretando com isto, implicações que desfavorecem o aprendizado.

A partir da visita a referida escola, foi que surgiu a idéia de desenvolver o estudo, uma vez que as divergências entre sexos opostos acarretavam em falta de controle dos professores para trabalhar esta problemática e de preparo para desenvolver uma aprendizagem com diferentes comportamentos.

Com esta pesquisa pretende-se proporcionar um melhor entendimento sobre diferentes comportamentos de gênero na sala de aula, no desenvolvimento da aprendizagem do educando e identificar os comportamentos do sexo feminino e masculino.

Essa realidade está presente em sala de aula e devemos identificar os diferentes gêneros e suas distinções com estudos que possam compreender as razões que implica na aprendizagem dos educandos. Podemos constatar que gêneros diferenciados dentro da sala de aula acarretam num contexto social amplo.

O tema proposto é interessante, pois implica em conhecer a fundo as diversidades entre o sexo masculino e feminino. Nesse sentido, identificar problemas dentro da sala de aula e trabalhar este contexto como fator decisivo para as transformações e realizações de práticas predominantes na metodologia utilizada.

Ao pesquisar o tema relação de gênero na escola, consultou-se alguns autores que destacam e ressaltam, com projetos e livros, a questão da relação do gênero. Scott é bem presente neste assunto, a relação de gênero que aborda, está em elementos constitutivos de relações sociais fundadas sobre as diferentes percepções entre os sexos, que também está ligada às representações de poder, nas mudanças distintas.

Já a autora Maria Eulina faz considerações sobre o que são relações de gênero, sua problemática, e como são, como estas relações implicam na educação, que é a parte mais relevante dentro deste trabalho. Eulina traz como principal referência Guacira LOURO com a proposta do tema gênero, sexualidade e educação.

Este trabalho contribuirá na perspectiva da escola, até mesmo dentro da sala de aula, em práticas favoráveis ao conhecimento dos alunos e até mesmo de professores. São problemáticas existentes na sala de aula em todo o Brasil e mesmo no mundo. Problemas em comum ou não, mas que irão contextualizar desenvolvimentos educacionais que tenham impacto na área de gênero.

Em sua estrutura, a monografia está definida por quatro capítulos, conclusão, referências e anexos.

O primeiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos denominados no estudo, quanto aos métodos utilizados, instrumentos de coletas de dados, tipo de pesquisa, sua abordagem e o sujeito e local da pesquisa.

O segundo capítulo aborda a percepção social e conceitos existentes da relação de gênero, desde a construção histórica, até o contexto escolar que está inserida.

O terceiro capítulo contempla a análise referente as questões do dia a dia na sala de aula dos educandos, no qual observa-se o posicionamento dos alunos mediante as relações de gênero e suas implicações no contexto escolar.

O quarto e último capítulo trata da importância do Estágio Supervisionado em Docência à formação do profissional da educação. Como também as contribuições à fundamentação teórica a partir de atividades práticas, explorando assim, as implicações que influenciam as relações de gênero no contexto escolar.

# CAPÍTULO I

## 1. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, aborda-se aspectos importantes analisados no decorrer deste estudo, caracterizando métodos para um melhor desenvolvimento do trabalho. Explicitam-se o tipo de pesquisa realizado, os instrumentos de coleta de dados, a abordagem, o sujeito e local da pesquisa e, por último, o portfólio e diário de campo construídos durante o Estágio Supervisionado em Docência como fontes documentais.

O como fazer reflete o empenho que o estagiário teve para alcançar seus objetivos.

## 1.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa foi elaborada acerca da relação de gênero na escola, tendo como meta a pesquisa de caráter explicativa que “pretende identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de um determinado fenômeno, buscando-se aqui as fontes, as razões das coisas” (GONSALVES, 2007, p. 13), fatores estes, que estruturaram o significado do desenvolvimento do projeto. Trata-se também de pesquisa de campo, no meio a qual o objeto de estudo se encontra, para melhor compreensão do problema estudado.

## 1.2 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram a observação e a entrevista semi-estruturada tendo como objetivo a obtenção de informação do entrevistado sobre determinado assunto ou problema.

A observação segundo Severino: “é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados” (2002, p.125) e esta observação foi variando de acordo com o propósito do entrevistado. Optou-se também pela entrevista semi-estruturada onde “o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada, sendo uma forma que pode explorar mais amplamente uma questão” (BEST, 1972, p. 16).

Em um segundo momento, foi utilizado um processo que exige conhecimento a respeito da escola pesquisada, da metodologia do professor titular, da relação professor/aluno e do processo de ensino aprendizagem, em curso. O método usado foi a observação para levantamento de dados, com um estudo geral sobre a escola, sua estrutura física, seus funcionários, sua equipe gestora, em fim sobre o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e os recursos oferecidos pela escola.

Em outro momento, foi feita uma entrevista com o professor questionado-o sobre sua formação, seu conhecimento sobre o Projeto Político Pedagógico da escola, seus planos de aula, as maiores dificuldades para ter a presença dos pais na escola e como promover a integração na turma.

A entrevista também foi lançada para os alunos, porém com a estrutura diferenciada para tal assunto abordado; como é a forma que o professor trabalha, em relação aos seus

relacionamentos entre si, o que acham da hora do intervalo das aulas, se gostam das atividades, brincadeiras e jogos em suas aulas.

### **1.3 Abordagem da pesquisa**

Segundo a natureza da pesquisa, os dados foram analisados pela representatividade qualitativa. É importante levar em conta a representação sócio-político de grupos ou de opiniões que são minoritárias em termo de pessoas, e mais expressivos em situações ideológicas e políticas. Para referendar este ponto, observa-se a afirmação que “preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas [...]” (GONSALVES, 2007, p. 17).

### **1.4 Sujeito e local da pesquisa**

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Desembargador Boto, localizada na Rua Higino Tavares, centro da Cidade de Cajazeiras – PB, onde encontramos um contexto social amplo por ter uma boa localização e estrutura. Foi procedida com a participação de alunos representantes do 4º ano do ensino Fundamental, a turma tem vinte e dois alunos. Procurou-se sempre desenvolver uma pesquisa com foco nas diferenças entre o sexo feminino e masculino, tendo como base de pesquisa 10% da turma com representatividade na pesquisa de dois meninos e duas meninas. Eles e elas estabeleceram respostas com diferenciações que propiciou interação de abordagens sobre o fenômeno que atinge com força total a relação de gênero na sala de aula.

### **1.5 Diário de Campo e o Portfólio: construídos no Estágio Supervisionado em Docência**

A utilização de recursos disponíveis na sala de aula atende as necessidades da construção de um memorial do Estágio Supervisionado em Docência, com todas as condições disponibilizadas em um Diário de Campo e Portifólio. Para tanto, o registro escrito

caracteriza-se numa perspectiva que tem como referência as contribuições para a história do conhecimento sobre os indivíduos e grupos, que dão sentido as experiências do vivido e não vivido.

A intenção é reconstruir o conteúdo das narrativas com a pretensão de estabelecer fatos que confirmem e discordem de histórias do estagiário em docência. Como se trata de uma pesquisa qualitativa vários instrumentos foram utilizados como: diário de campo, portfólio, fotos e documentos escritos através de memórias das atividades proposta na sala de aula. É ressaltado por Santos, a importância da pesquisa:

No campo da pesquisa, as narrativas são utilizadas como instrumento de coletas de dado, pois a investigação de caráter qualitativo tem sido o mérito de explorar e organizar o potencial humano, produzindo conhecimento sistematizado através dele. A pesquisa também é importante para entender a relação dialética entre a teoria e a realidade, pois, ao mesmo tempo em que é uma investigação, representa uma formação. (2007, p.15).

Os caminhos entrelaçando as construções do passado vivido pelos narradores e os personagens as reflexões desenvolvidas nessa abordagem para a compreensão dos dados colhidos.

Para compreensão dos dados colhidos, é necessário que se conheça os caminhos que entrelacem as construções de um passado vivido e narrado para, assim, enquadrar os fatos do presente numa abordagem realista.

## CAPÍTULO II

### 2. RELAÇÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR

Este capítulo trata, inicialmente, das questões sobre a relação de gênero desde a construção histórica que está em contínua mudança até questões sobre “diferença e desigualdade de sexo e gênero existente entre os educandos, impedindo um desenvolvimento fluente da aprendizagem na sala de aula” (CARVALHO, 2003, p. 59). Também aborda a importância de questões de gênero na educação trazendo circunstâncias de identidade pessoal, de sexo, cor de pele, classe social e demais desigualdades sociais e culturais.

## **2.1. Relação de Gênero: Conceitos estabelecidos**

Em uma cultura e sociedade diversificadas constituídas de décadas passadas, encontramos toda uma estrutura de dominação simbólica. A materialização na organização social e nos corpos, resultou-se em um processo de construção sociocultural com base nas diferenças sexuais percebidas.

Essa construção histórica que está em contínua mudança elabora conceitos de gêneros a partir da teoria feminista na década de 1980, com o intuito de “desnaturalizar as diferenças de comportamento e o estatuto social de homens e mulheres, bem como a divisão social (sexual) do trabalho” (CARVALHO, 2003, p.58).

Através desse processo buscou-se origens exclusivamente sociais sobre concepções de masculino e feminino. Implica que o conceito de gênero “é uma estrutura de dominação simbólica (ideologia), um princípio de organização das práticas sociais (divisão de trabalho) e uma estrutura psicossomática (habitus, identidade)”. (CARVALHO, 2003, p. 61).

Nesse sentido, na construção social o gênero é mutável, ou seja, sua história varia de acordo com a classe social, a idade, a religião, a etnia, a região. Além de que relações de gênero são relações de poder, instituindo o comportamento relacionado ao masculino, que produz desigualdade entre suas realizações socialmente valorizadas.

O gênero implica em relação e classificação de pessoas, que se constituem, tradicionalmente, em dicotomia, assimetria, desigualdade e hierarquia. Nestas classificações se determinam identidades, qualidades e valores, além de desigualdades atribuídas a homens e mulheres.

O gênero em nível individual corresponde a jeitos de ser, parecer, já nas relações sociais constitui uma estrutura de dominação masculina, baseada em atribuições de valores.

## **2.2 Diferenças de sexo e desigualdade de gênero**

Diferenças muitas vezes se transformam em desigualdades, razão por que devemos, em nossas escolas, educar crianças, jovens e diferentes etnias, gêneros, origens sociais e culturas, para que se tornem pessoas capazes de desenvolver-se diante de uma sociedade, uma vez que, “homens e mulheres tem corpos diferentes, mas as qualidades, habilidades, gostos pessoais, o tempero e o caráter variam enormemente entre os indivíduos e não são determinados pelo sexo biológico” (CARVALHO, 2000, p.16).

Diferenciações e preconceitos quanto aos gêneros masculino e feminino têm aumentando. A escola, ainda, faz circular muitos desses significados que qualificam as lideranças das diferenças individuais em suas práticas.

A educação para a igualdade entre meninos e meninas são elementos fundamentais para a cidadania e para a construção da democracia entre os gêneros. Portanto:

Diferenças entre homens e mulheres existem, mas não devem implicar desigualdade ou desvalorização das qualidades e contribuições femininas, como a maternidade e o cuidado das crianças, idosos, doentes e carentes. A desigualdade de gêneros é evidentemente, uma questão de educação. Desde a infância, meninas e meninos são educadores dentro de vigidos padrões de comportamento. Menino não chora, brinca de bola e de carinho, menina não pó correr, trepar em árvore e só brincar de boneca e panelinha. (CARVALHO, 2000, p.18).

Por isso, é necessário que o educar do masculino e feminino sejam construções instáveis e plurais, que expressem posições sociais variáveis e que possam favorecer a ruptura de alguns estereotipo construídos ao longo da história.

### **2.3 Sexualidade: processo de relação de gênero**

Entende-se que durante muito tempo a orientação sobre a sexualidade foi, consideravelmente, ignorada nas escolas. A busca das relações de gênero no conhecimento sobre sexualidade nos dias de hoje, proporciona o estudo por diversos fatores primordiais ao desenvolvimento do processo educativo do aluno. Uma boa concepção do assunto proposto em sala de aula, para que a cultura que temos do masculino e feminino seja vista por um novo ângulo, deve ser analisada no contexto escolar.

Cada cultura define o que é feminino e o que é masculino. Portanto:

O gênero construindo socialmente qualidades valores, papéis sociais, padrões de comportamento, modelos de identidade, representações de homem e de mulher, que quando utilizados de modo reducionista, tornam-se estereótipos e servem para discriminar. (CARVALHO, 2000, p.22).

Envolvendo as relações de gênero, como concepções naturais ou culturais, adotamos assim preferências, predisposições e experiências físicas e comportamentais, orientadas a sujeito do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos, tornando-se uma questão relevante para a vida em sociedade, como demonstram as ciências humanas.

Carvalho (2009) propõe um melhor entendimento sobre o assunto das relações de gênero e sexo e suas classificações, consideravelmente, mais discutíveis em sala de aula, como a natureza e a cultura. Neste sentido, apresenta algumas características que estão associadas a comportamentos entre meninas e meninos dentro da sala de aula. Para melhor concepção veja os quadros a seguir:

<b>NATUREZA</b>	
<b>MULHER</b>	<b>HOMEM</b>
Tem vagina útero e ovário	Tem pênis e testículos
Produz óvulos	Produz espermatozóides
-	Ejacula
Fica grávida gera crianças	-
Pode da a luz	-
Amamenta	-

<b>CULTURA</b>	
<b>FEMINILIDADE</b>	<b>MASCULINIDADE</b>
Fragilidade	Força
Medo	Coragem
Sensibilidade	Insensibilidade
Organização	Desorganização
Delicadeza	Pureza
Intuição	Racionalidade
Futilidade	Seriedade

## **SEXO ≠ GÊNERO**

Quadro representante das relações de gênero da escola  
 Fonte: Carvalho, 2009, p. 13.

O primeiro quadro apresenta características ligadas a diferenças físicas entre mulheres e homens, aspectos biológicos. Elas se relacionam ao sexo, bem como a algumas características próprias de cada sexo, ou seja, algumas são específicas das mulheres e outras são dos homens.

O segundo quadro apresenta algumas referências qualitativas e sentimentais presente em nossa cultura, associados a mulher e homem. Os gêneros são definidos em oposição, que se excluem, sendo geralmente que o feminino sexo frágil e masculino gênero de poder.

Podemos questionar diante destas características, pois nem sempre a mulher é frágil, fútil e também características das masculinas, nem sempre, não são estas informadas.

Percebe-se que o processo cultural, aprendido e reforçado, através da educação no contexto escolar, na família, e outros aspectos sociais, é construído e modelado de acordo da relação de gênero.

Como descreve a autora:

[...] é importante perceber que, apesar de homens e mulheres possuírem corpos diferentes, as qualidades, as habilidades, os gostos pessoais, o temperamento e o caráter variam entre os indivíduos e não são determinados pelo sexo biológico.(CARVALHO, 2000, p.20).

Esse processo de construção de identidade deve se dar de acordo com a matriz heterossexual que constitui entre sexos e identidades opostos. É preciso lembrar que a natureza também é construída historicamente e socialmente, como já foi dito antes, com isto, Guacira Louro afirma: “Nossa forma de ‘chegar’ a ela e nos referimos ao que é ou não é natural também se dá pela linguagem, também se faz por meio de símbolos e de representações também se modifica historicamente” (LOURO, 2001, p.34). Portanto, sexo e corpo também são construções culturais.

## **2.4. Questões de gênero no contexto escolar**

A desigualdade de sexo e gênero e, especialmente, a desvalorização de sexo feminino, implica em considerar múltiplos aspectos: encontramos no contexto escolar muitas condições

de desvantagens social, econômica e política e situações de opressão de gênero o que ainda abatem sobre as mulheres.

No contexto escolar é importante ressaltar que a problemática de gênero não se reduz as questões de acesso a matérias específicas na escola como: Matemática, Química, Física e as medidas de desempenho escolar. Pode-se constatar que meninas têm ultrapassado os meninos em números de conclusões em nível de escolaridade fundamental, médio e superior.

Apesar de algumas mudanças e avanços nas relações de gênero conquistado, nas últimas décadas, meninas e meninos continuam a receber educação diferenciada, perpetuando preconceito e diferenças. Na família aprende-se que mulheres e homens devem ter comportamentos, gostos e valores diferentes. E a escola reforça, muitas das vezes, essa educação familiar, contribuindo para a perpetuação da desigualdade de gênero.

É possível encontrar textos e livros com ilustrações de figuras nos quais as mulheres são apresentados como donas de casa e mães com atividades domésticas e homens aparecem atuando somente no espaço público. Cabe lembrar que as manifestações preconceituosas e violentas partem muitas vezes dos próprios estudantes, já que muitos deles chegam a escola com valores contrário a diversidade.

Como resalta Maria Eulina:

A escola é, ao mesmo tempo, um espaço de reprodução e de resistência ao instituído. Por seu caráter escolar pode contribuir para reforçar e naturalizar os estereótipos e preconceitos de gênero; ou pode se constituir num instrumento de luta para a superação do sexismo e da discriminação contra as identidades sexuais não hegemônicas. Isso exige uma tomada de decisões por parte de todas e de todos que atuam no cotidiano escolar: corpo docente, equipe teórica, direção escolar (2009,p.28).

Ter postura neutra ou fazer vista grossa, diante de preconceitos é colaborar para o reforço das desigualdades de gênero. No cotidiano escolar, os professores podem construir, junto com os educandos, conhecimentos críticos, com superação de qualquer discriminação e opressão.

A função social assumida pela escola, em suas múltiplas relações escolares, revela a naturalização das diferenças de gênero instituídas socialmente e historicamente entre meninas e meninos, visão predominante que está ancorada e construída ao longo do tempo. São posturas sexistas que afetam o crescimento, inibindo muitas manifestações na infância e na adolescência, e termina para impedir que se tornem seres completos.

Contudo, é nos espaços educativos que se encontra o ambiente propício para essas construções ou não. Assim para Finco:

É importante que os/as docentes que trabalham na Educação Infantil tenham consciência do potencial que o ambiente coletivo de educação tem para possibilitar a convivência entre a diversidade e repense desse modo, suas práticas educativas. A discussão das questões de gênero na educação se traduz na possibilidade de uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações, a práticas educativas que introduzam sexistas. Demandam a incorporação de práticas educativas que introduzam conscientemente, como estratégia de socialização a meta de igualdade de gênero (2008, p. 2).

Nesse sentido, além do papel da escola, a família também deve compartilhar dessa luta, por isso cabe a escola articular, potencializar e encaminhar esse processo de interação, assim valores são construídos e perpetuam-se, muitas vezes, determinando as posturas reveladas pela criança. Isto a escola acaba orientando, reforçando e muitas vezes determinando habilidades distintas para meninos e meninas.

Assim, ambos os sexos recebem educação diferenciada, embora partilhando do mesmo espaço, lendo as mesmas literaturas, ouvindo as mesmas histórias e sendo acompanhada pela mesma professora. Neste sentido, a diferença está na postura e no tipo de intervenção quando os educadores interagem com as crianças.

## **CAPÍTULO III**

### **3. COMPREENSÃO SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Neste capítulo, apresenta-se questões referentes ao dia a dia em sala de aula, ao tempo que se busca analisar, com a ajuda do posicionamento dos alunos, uma melhor compreensão sobre as relações de gênero e suas implicações dentro de um ambiente escolar.

### 3.1. Processo da aprendizagem e identificação dos comportamentos entre meninas e meninos no contexto escolar

Para que se possa ter um melhor entendimento sobre diferentes comportamentos de gênero no ambiente escolar sobre a aprendizagem é preciso identificar os comportamentos do sexo feminino e masculino. Desenvolvemos a pesquisa de campo na Escola Estadual Desembargador Boto, localizada na Rua Higino Tavares do município de Cajazeiras-PB.

Como mostra a autora Maria Eulina “O conceito de gênero refere-se às noções de masculino e feminino, construídas a partir das diferenças biológicas entre os sexos, ao longo da história, nas diversas sociedades e culturas”. (CARVALHO, 2000, p.15).

As primeiras atividades foram de identificação do aluno (nome, idade, local onde mora?) e logo depois, foi perguntado a que sexo eles pertencem: masculino ou feminino? Todos responderam as suas respectivas identidades e gênero de maneira rápida e sólida. Dentro desta linha perguntou-se como era o ensino da professora e como eles abordavam este assunto na sala de aula, porém somente as meninas sabiam explicar como foi a preparação da aula e as condições desenvolvidas para que o professor exerça o poder da educação neste assunto, (aluna 1) : “eu presto atenção quando tia está falando ela explica bem direitinho os meninos do sexo masculino e as meninas do sexo feminino, aí a gente aprende”. Mas as explicações sobre noções de masculino e feminino da professora na sala de aula foram muito limitadas.

Os alunos se diziam muito danados e inquietos, tanto as meninas quanto os meninos, mas as meninas eram mais delicadas davam respostas mais consideradas, de forma meiga, e os garotos com respostas limitadas, como fortes, e questionadores. Sobre este tipo de comportamento entre meninas e meninos, Eulina ressalta :

As relações de gênero se baseiam em representações sociais e culturais, ou seja, nas idéias sobre o que deve ser como deve se comportar, pensar, sentir, um homem ou uma mulher. Assim as idéias sobre a masculinidade e a feminilidade tendem a criar estereótipos que ditam como todos os homens e mulheres devem ser. (2000, p.16,17).

Em um contexto pertinente de pesquisa, foi explicitada a aparência física e de comportamento dos educandos. As meninas não se achavam parecidos com ninguém

fisicamente, mas em comportamento somente uma menina e todos os meninos se achavam parecidos.

A visão destes alunos ajuda a entender as relações e suas diferenças. Pois “homens e mulheres têm corpos diferentes, mas as qualidades, habilidades, gostos pessoais, o temperamento e o caráter variam enormemente entre os indivíduos e não são determinados pelo sexo biologicamente”. (CARVALHO, 2000, p.16).

A matemática era a matéria favorita, principalmente dos meninos, (aluno 2)” gosto mais de matemática pois eu somo e dá certo e é mais fácil” que só responderam esta matéria como opção. E por outro lado, as meninas tinham, além da Matemática, a Língua Portuguesa que era sua 1ª opção de matéria, (aluna 2):”acho bom quando tia manda a gente ler os contos as historinhas, que a aula é melhor”, há assunto favorito para escrita e leitura de histórias e contos. Com isto, é possível afirmar: “os homens são racionais e objetivos as mulheres emotivas e sensíveis; portanto, a racionalidade é considerada qualidade masculina, enquanto a emotividade é feminina”. (CARVALHO, 2000, p.17). Uma das entrevistadas vê o estudo da matéria Língua Portuguesa como um empreendimento das ações relevantes para a nossa vida, ela fala que “tem de estudar para trabalhar e ter uma vida melhor”( aluna 2).

Os meninos têm como principais atividades na sala de aula, o gosto pela Matemática e destacam suas habilidades voltadas para o raciocínio e agilidades como: quebra cabeça, caça palavras e as meninas ficam mais enquadradas na leitura e escrita das atividades de Língua Portuguesa.

Pode-se constatar facilmente que a classificação de amizade foi determinada pela natureza, pois as meninas entrevistadas responderam que suas melhores amigas são do mesmo sexo e respectivamente os meninos também, pois se identificam as suas relações tanto com brincadeiras e assuntos de jogos, ou seja, com atividades consideradas apropriadas para o sexo feminino. Portanto:

[...] o gênero faz parte da identidade pessoal, assim como o sexo, a cor da pele, a classe social, e as demais circunstâncias sociais e culturais. Por outro lado, a atribuição de gênero não se restringe apenas aos comportamentos dos sujeitos, mas se projeta também nas práticas e instituições sociais, que podem ser qualificadas de masculinos ou femininos, conforme os valores que expressam. (CARVALHO, 2000, p.16).

As definições de masculinidade e feminilidade são variáveis e múltiplas. Exemplo disto, é o fato dos alunos terem respostas parecidas, os meninos responderam sobre quais

## CAPÍTULO IV

### **4. ACONTECIMENTOS VIVENCIADOS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA**

Neste capítulo abordaremos os fatos na percepção do Estágio Supervisionado em Docência na área escolar. Apontando a importância deste na formação acadêmica enquanto docente e suas contribuições que fundamentaram a prática a partir dos conhecimentos teóricos estudados durante a graduação, apresenta-se também as atividades desenvolvidas durante o estágio e as questões estabelecidas entre relações de gênero apresentadas por diversas situações no contexto escolar.

#### 4.1 Contribuições do Estágio na formação docente

O estágio é obrigatório na Universidade Federal de Campina Grande no Curso de Pedagogia para o currículo, definido como de grande importância para a aquisição de competência profissional, desenvolvimento de habilidades, hábitos e atitudes, que contribuirão com a formação profissional e pode ser obrigatória não somente para a integralização do curso.

O estágio foi uma parte integrante do processo formativo, contribuindo para a formação do futuro profissional na educação que possibilitou a aplicação prática dos conhecimentos teóricos, com maior assimilação das matérias curriculares vivenciadas no dia-a-dia da sala de aula, desde o primeiro período no curso Licenciatura em Pedagogia. De um modo especial a formação teórico prática ocorreu na instituição educacional de uma forma sólida, assumindo efetivamente o papel de professora, realizando atividades do cotidiano educativo.

Nesse sentido, segundo Navarro ( 2000 ) :

[...] as diversas temáticas envolvendo os estágios supervisionados, contribuem para uma base sólida para a formação dos profissionais da educação apesar das dificuldades, consideradas que nem sempre os professores e estagiários têm clareza sobre os objetivos que orientam suas ações no contexto escolar e no meio social onde se inserem, sobre os meios existentes para realizá-los, sobre os caminhos e procedimentos a seguir, ou seja, sobre os saberes de referência e sua ação pedagógica , faz sentido investir no processo de reflexão nas e das ações pedagógicas realizadas no contexto escolar. ( *apud* PIMENTA; LIMA, 2004 ).

A concepção e alicerce para o estágio esteve fundamentada no princípio da ação-reflexão-ação que exige de um estágio observador, exercitar o fazer pedagógico de forma reflexiva.

A partir dos pressupostos do tema central desta monografia, destacou-se no estágio o aprendizado social, profissional e cultural, tendo como reflexão diária a observação do conhecer das relações de gênero na sala de aula implicadas nas práticas escolares. Nesse sentido, “o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade [...]” (NAVARRO, 2004, p.48). Isso significa dizer que conhecer as relações de gênero nas práticas escolares implicou em um desdobramento que se compôs pela

importância do contexto social e histórico individual de cada aluno e sua generalização de relações a partir de dados particulares se formam um contexto amplo dentro da escola.

## **4.2 Atividades desenvolvidas durante o estágio**

Acompanhando a construção entre a relação teórica e prática do estágio, que contribuiu a capacitação no exercício do magistério na educação, quando uniu as experiências acadêmicas as atividades executadas durante o estágio, em meio as necessidade dos alunos na sala de aula e da própria escola.

Considerando que para o fazer a aula, realizar o exercício da docência, precisamos de uma experiência que demanda recursos de diversos saberes, Santos comenta que: “A aula não é algo que se dá, mas que se faz, no trabalho conjunto de professores e alunos” (2007, p.18), nessa perspectiva acredito uma melhor qualidade de ensinar e de compreender.

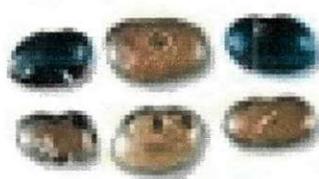
A trajetória de planos de aula, ou seja, de conteúdos e atividades desenvolvidas na sala de aula era de acordo com a “didática” da professora titular e de acordo com a instituição de ensino.

A prática docente para o estagiário é como se houvesse um momento mágico vivido na sala de aula. Apesar de existir o livro didático na sala de aula, não era todos os alunos que disponibilizava deste recurso e também, a estrutura de conteúdos de livros era “pobre” didaticamente daí, foram utilizados muito pouco. Foram utilizados alguns recursos visuais, além do quadro e giz, houve também a disponibilização de papéis mimeografados e xerografados, confecções de cartazes e materiais didáticos que contribuíram para o sucesso das atividades realizadas em sala de aula no processo de ensino aprendizagem.

No primeiro momento houve a preocupação em dar continuidade a aulas anteriores, já que a professora titular tinha trabalhado o conteúdo, sempre fazendo uma ponte entre a atividade e o tema estudado. A medida que o tempo passava, havia mais confiança e satisfação de estar contribuindo no aprendizado daqueles vinte e dois alunos. Era como se fosse a vitória da didática.

### **4.2.1. Bingo matemático**

Após a observação e sondagem, o passo a seguir, foi dispor de uma aula de matemática que propusesse a possibilidade daquelas crianças uma atividade que visa estimular o aprendizado, de forma lúdica, exercitando o raciocínio e o trabalho em equipe, envolvendo assim, o conteúdo das três operações já estudadas que era adição (+), subtração(-) e multiplicação (x). A atividade com o *bingo matemático* foi embasado nos seguintes objetivos: desenvolver o raciocínio lógico matemático; reconhecer os números com agilidade; exercitar operações da adição, subtração e multiplicação e despertar o gosto pela matemática de maneira lúdica. Neste sentido foi usado para a atividade do bingo, cartolina, milho ou feijão e lápis hidrocor, conforme pode ser visto na fotografia a seguir:



Fotografia: 01 Bingo matemático  
Fonte: Thayane Pessoa, 2010.

Para propor esta atividade, o material necessário foi trazido de casa, pois a escola não disponibilizava no momento, foi entregue o material de grosso modo aos alunos, onde eles se desempenharam a desenvolver a cartela do bingo. Logo depois todos os alunos sentaram no chão e atentamente ouviram o chamado das peças, que eram retiradas do saco, peças estas que eram de operações de matemática envolvendo as expressões numéricas de adição (+), subtração (-) e multiplicação (x).

Em meio a situações de tumulto em relação a falta de disciplina de alguns alunos, foi perceptível que “[...] em alguns momentos fizeram bagunça diante da chamado do bingo, mas era logo resolvidos, pois todos queriam escutar atentamente o chamado para não passar batido.”(DIARIO DE CAMPO, 23/09/ 2010).

Como avaliação, estava proposto não quem conseguisse vencer o bingo, mas sim, a integração e participação constante na estrutura do conteúdo e seu ensino-aprendizado, o contexto do processo de reorganização entre o raciocínio e o resultado das operações corretamente.

#### 4.2.2. Conscientização da preservação a natureza

Todo o planejamento da aula do dia 21 de setembro em que se comemora o dia da árvore, foi uma proposta de interdisciplinaridade com o contexto das áreas de conhecimento para que trabalhássemos os conteúdos específicos a cada área, utilizando a árvore como seu principal componente e objeto de estudo.

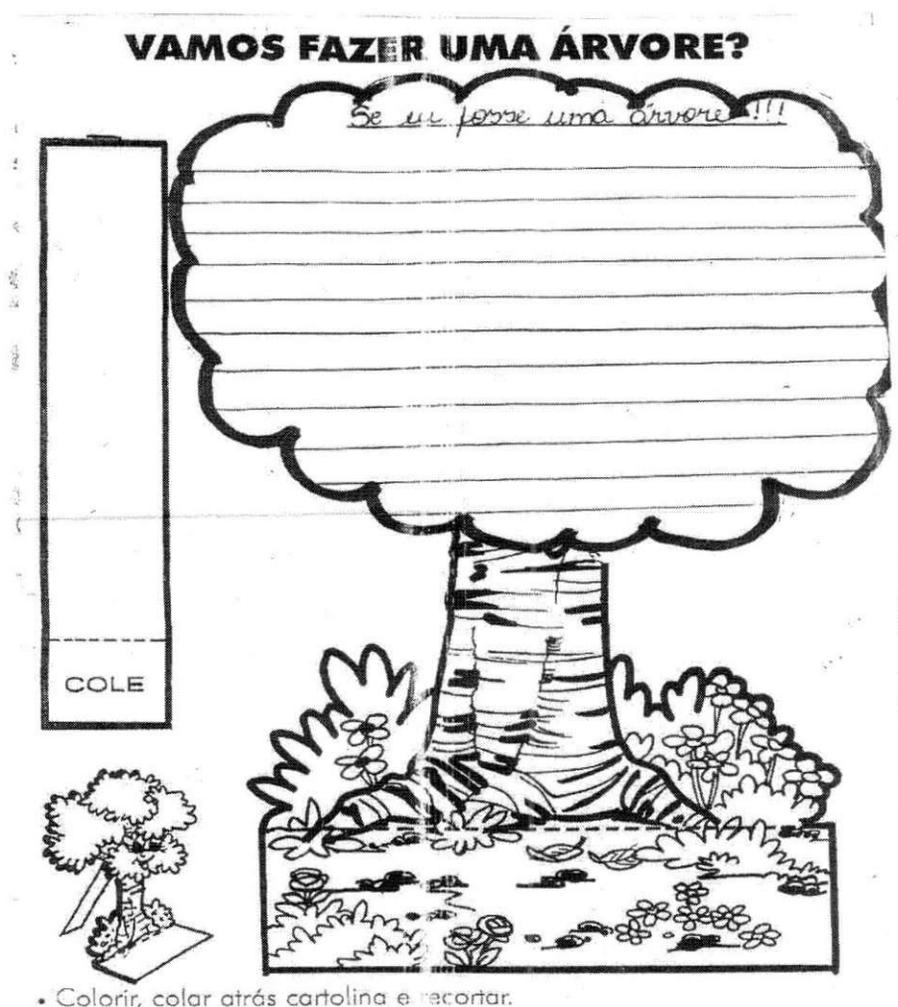
Uma produção textual referente a data comemorativa foi entregue aos alunos, para que sua importância fosse ressaltada por meio da leitura oral e da valorização e seu amor às plantas fosse destacado. Com isto, foi proposto que os alunos dessem nome à árvore, e que esta pessoa fosse bem especial em sua vida. Como podemos observar na imagem a seguir:



Fotografia: 02 – texto Minha amiga árvore encontrado no portfólio.  
Fonte: Thayane Pessoa, 2010.

Neste texto sobre a “minha amiga árvore” os alunos foram bastante criativos, muitos colocaram o nome dos pais, do irmão, de grandes amigos e até mesmo da minha pessoa que estava ali somente como estagiária e fui lembrada tão carinhosamente por duas alunas.

Em um segundo momento, os alunos fizessem uma produção textual onde procuraram manifestar com criatividade seu pensamento sobre a conscientização dos homens em favor da natureza e o que gostariam de ter como características que favorecesse para ser uma linda árvore. “Depois de refletir sobre a história da árvore, que tem o nome no aluno, iriam fazer uma produção de texto imaginando que cada um é uma árvore com o tema *se eu fosse uma árvore*” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/09/ 2010). Como podemos perceber na imagem a seguir:



Fotografia: 03 atividade de produção textual encontrada no portfólio.  
Fonte: Thayane Pessoa, 2010.

Nessa atividade uma aluna ressalta bem o que foi proposto no objetivo, demonstrando clareza de pensamento sobre a importância da árvore.

[...] se eu fosse uma árvore: daria sempre sombra, ar puro, frutos para todos comerem, pois sei que o dever de uma árvore é dar tudo isso e um pouco mais e também os nossos deveres com a árvore são regar todos os dias, pois preciso de água para crescer e dar frutos. E é por isso que gosto do dia da árvore. Plante uma hoje (DIÁRIO DE CAMPO, 21/09/2010).

A exposição deste trabalho, feito pelos os alunos na sala de aula rendeu muitos elogios em relação à conscientização da proteção a natureza e o verde da escola, a professora titular achou muito interessante a didática que a aula estava fluindo, os alunos expôs seus trabalhos no varal ecológico criado na sala de aula e que foi visitado por algumas pessoas da coordenação pedagógica, parabenizando aos alunos as mensagens educativas ilustradas de forma lúdica. Como pode observar na imagem abaixo:



Fotografia: 04 Varal ecológico.  
Fonte: Thayane Pessoa, 2010.



### 4.3 Questões de gênero percebidas durante o estágio na sala de aula

Após a realização de cada atividade, procedia-se uma reflexão sobre a questão de gênero.

Existem muitas diferenças entre os comportamentos de meninos e meninas, sendo tanto biológicos como culturais e não foi diferente na sala de aula durante o estágio supervisionado. Procurar fazer muitas vezes com que atitudes discriminatórias na sala de aula fossem trabalhadas significativamente, sendo que o papel do educador foi reconhecer essas diferenças e trabalhá-las, pois a boa compreensão sobre o tema de estudo em questão, abrangeu práticas educacionais acerca das relações de gênero na sala de aula.

Pensando nessa situação, concordo com Suplicy quando diz que:

Para nos orientarmos a assim diminuir nossas odeias preconceituosa, primeiro é preciso obter informações básicas. A seguir, precisamos olhar com outros olhos o aluno e a aluna quanto a comportamentos ligados a seu gênero (masculino e feminino). Por último, é importante conhecer um pouco mais, para desmistificar preconceitos e facilitar a relação com alunos e filhos. (1999, p 69).

Só quando conhecemos sobre algo é que passamos a percebê-lo de maneira mais flexível, voltada para refletir o assunto. E isso só acontece quando estamos em contato com informações a respeito, sejam estas informações através de TV, livros, internet ou mesmo na convivência diária, mediante situações.

Durante o tempo de estágio na sala de aula precisou-se trabalhar práticas e posicionamentos não discriminatórios que certamente contribuiu através de reflexões e discussões sobre o nosso papel diante da escola e sociedade.

Para isto a autora Kátia afirma:

Promover o debate e o diálogo do tema talvez seja seu melhor caminho. É tarefa da escola fazer com que alunos e alunas reflitam sobre seus sentimentos e emoções diante de conflitos interpessoais, desconstruindo preconceitos de gênero e contribuindo para a construção de novos modelos de relação entre homens e mulheres pautados em princípios de igualdade. (2007.p 25).

Um fato que, foi presenciado durante o estágio, mereceu um cuidado maior foi sobre a violência associada ao gênero, tanto meninos contra meninas ou então meninos mais frágeis do que o agressor. O fato dos meninos geralmente possuírem maior força física que as meninas gerando assim agressões físicas e também verbais fez com que o educador fizesse intervenções nessas situações com discussões e reflexão, a fim de prevenir e garantir o respeito ao outro na sala de aula.

Diante de um momento de reflexão com os alunos, aplicamos uma dinâmica que tinha como tema “A silhueta” esta atividade proposta tinha como objetivo distinguir para os alunos o que é considerado natural e cultural, ou seja, sexo diferenciado do gênero.

Muitos alunos não souberam responder, quando indagados oralmente, qual seria a diferença entre natural e cultural, até então o aluno respondeu que: “natural tia, seria como nascemos e cultural seria do que aprendemos na vida”. Não estava errado com aquela resposta, entretanto precisava ser aprofundado o assunto de maneira que todos entendesse, assim:

Dividi a turma em dois grupos e pedi que um grupo desenha-se uma silhueta masculina e outra feminina, preenchendo os desenhos com as características que se identificam homens e mulheres, sejam físicas, emocionais e comportamentais. Terminando o desenho, perguntei aos alunos se as características desenhadas e escritas eram próprias apenas delas, ou exclusivas delas. Por exemplo, apareceu a característica sensibilidade, dado por uma aluna, a silhueta foi feminina e não a masculina, mas fiz perceber que existem homens sensíveis e que pode ser transferido para o homem. (DIÁRIO DE CAMPO, 29/09/10)

No processo de discussão os grupos concluíram que as características que não podem ser transferidas estão relacionadas ao sexo e as transferíveis se relacionava ao gênero.

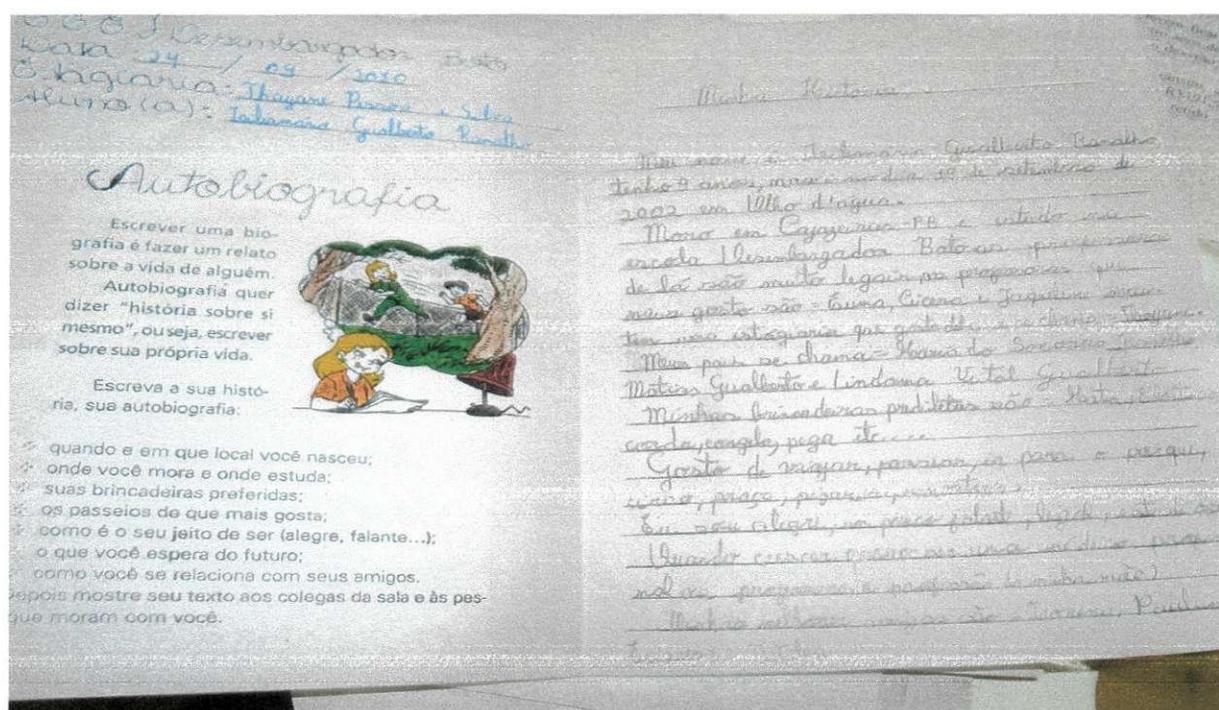
Alguns estereótipos eram presentes na sala de aula como: “não tenho jeito para isso”, “chorar é coisa de menina”, entre outros. Com esta dinâmica os alunos adquiriram um conhecimento muito importante para a condição de igualdade, que dificultava na expressão livre de cada aluno.

Muitas barreiras foram enfrentadas com os alunos, em alguns casos foi preciso discutir as atividades para obter o aprendizado. Foram muitas as possibilidades para trabalhar a temática das relações de gênero nas várias áreas de conhecimentos.

Em língua Portuguesa e Literatura, as relações de gênero podem ser percebidas em uma atividade que aconteceu na sala de aula e envolveu atentamente todos os alunos, foi a *autobiografia*. Assim percebeu-se por meio da análise do texto produzido por cada um dos

alunos, a descrição de suas características, com isto, “Propus as crianças que contassem um pouco de sua história, que com certeza, todas elas eram especiais, cheios de qualidade e defeitos, mas adoráveis”(DIARIO DE CAMPO, 22/09/10).

Vejamos na imagem que segue uma autobiografia bem executada, que foi desenvolvida, na essência de pesquisa bibliográfica, as suas principais características de uma autobiografia, com desejos e anseios do presente, passado e futuro da aluna.



Fotografia: 06- Autobiografia de uma aluna  
Fonte: Thayane Pessoa, 2010.

Esta foi uma atividade desenvolvida pela aluna e como percebemos a sua organização e cuidado com o material e escrita, como também não se opôs ao que foi proposto na sala de aula, estas características são predominantes entre as meninas.

Ao exercitar as habilidades de escrita e de leitura de cada aluno, na autobiografia, percebemos que foi importante se conhecer e também, conhecer a vida do nosso colega. Juntos aprendemos coisas sobre nossa maneira de ser e pensar, e descobrimos nossas semelhanças e diferenças independentemente do nosso sexo e gênero.

A maior dificuldade durante o estágio foi desenvolver os planos de aula na área de conhecimentos da Educação Física, os estereótipos ligados ao gênero, como a separação

imediate feita pelos próprios alunos das práticas esportivas e de brincadeiras relacionadas a meninos e meninas eram bastante forte entre eles.

Para garantir as mesmas oportunidades de participação para todos os alunos, independentemente se seria uma brincadeira ou esporte com bola, quando numa aula de voleibol, a turma foi dividida em duas equipes. Um dos aspectos considerado na organização das atividades foi a sua diversidades, valorizando as diferenças, usando o critério como o cabeça de chave seja o mais ágil, nesta ocasião o aprendizado estava vinculada a troca de informações e a cooperação dos alunos na tentativa de ajudar os seus colegas a superar os limites corporais e psicológicos, tendo o avanço de suas conquistas.

E em outras vezes, prevaleceu o respeito aos interesses existentes entre os alunos, por exemplo, eles não aceitavam outros tipos de atividade física que não fosse o jogo de futebol, isto entre os meninos e entre as meninas elas sempre rejeitavam a possibilidade de praticar essa modalidade esportiva com os meninos.

## CONCLUSÃO

Diante do contexto aqui explorado através de estudos, observações, pesquisas, tratar de relações de gênero no contexto escolar é aspecto de suma relevância para a qualidade de ensino. Faz-se necessário ressaltar que a educação escolar é a porta de entrada para as crianças encontrarem os espaços propícios que possibilitam a satisfação de seus desejos e oportunidades para boas escolhas.

As relações de gênero são parte integrante do processo de construção sobre concepções educacionais, posturas, condutas e formas de comportamentos diferenciados pelo sexo. É na interação e convivência com as outras pessoas que os educando aprendem a compartilhar um contexto educativo e coletivo, ou seja, por seu caráter político, não-neutra a educação escolar pode contribuir para reforçar e naturalizar os estereótipos e preconceitos de gênero.

No espaço escolar, pode-se discutir qual seria o seu o nosso lugar no aspecto social, quando se pontua criticamente algumas problemáticas e impasses que a temática e gênero provoca. Faz-se uma breve construção histórica das concepções de gênero e suas desigualdades existentes entre os educandos. Situa as relações de gênero no contexto da sala de aula, enfocando o posicionamento dos alunos e suas implicações de práticas vivenciadas dentro do ambiente escolar. Vê-se também a importância do estágio e relação do conhecimento teórico com o prático, evidenciando situações das relações de gênero que perpetuaram no contexto escolar.

E considera-se aqui a necessidade de trazer para o espaço da educação as discussões e reflexões convenientes às relações de gênero no contexto escolar. Neste sentido o resultado realizaria mudanças de posturas nos educando e educadores do segmento em questão, a fim de que o espaço escolar seja, realmente, um ambiente de vivência feliz para homens e mulheres, respeitando as diferenças implícitas no sexo.

Concluído o Estágio Supervisionado em Docência, fica para o estagiário a sensação de mais uma tarefa cumprida. Em meio ao trabalho exaustivo de lidar com uma turma numerosa de crianças, cujas mentes são impregnadas pelo preconceito de que o masculino é o sexo dominante temos o prazer de afirmar: a minha maior alegria está na clareza de que, pude colaborar, positivamente, no crescimento educacional de alguns meninos e meninas.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Introdução á questão das relações de gênero na educação. In CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de (org). **Consciência de Gênero na Escola**. João Pessoa. Ed. Universidade/ UFPB, 2000.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. O que é gênero? In CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. ANDRADE, Fernando Cezar Bezerra. MENEZES, Cristiano Souza. (org). **Equidade de Gênero e Diversidade Sexual na Escola: Por uma prática pedagógica inclusiva**. Ed.Universitária, João Pessoa, 2009, UFPB.

FONTES DOCUMENTAIS: **Diário de Campo** de 01 de setembro de 2010 a 28 de setembro de 2010; **Portifólio** – Arquivo dos Planos de Aula e das Atividades realizadas no Estágio Supervisionado em Docência, Cajazeiras 01 de setembro de 2010 a 28 de setembro de 2010.

FINCO, D. **Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades ás transgressões**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/>>. Acessado em: 26 jul. 2009.

GONSALES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica**. Campinas-SP: Alínea, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **O currículo e as Diferenças Sexuais e de Gênero**. Rio de Janeiro, 2002.

NAVARRO, Selma Guarrido; LIMA, Maria Socorro Lucena; Estágio de docência. São Paulo: Cortez, 2004.

PUPPO, Kátia Regina. **Violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação. Usp, São Paulo, 2007.

RIBEIRO, Marcos. **Heróis e princesas**. In: Prevenir é sempre melhor. Ministério da saúde. Brasília, 1998

SANTOS, Jurandir dos. **História oral, fontes documentais e narrativas como recursos metodológicos na educação**. In: III Seminário de Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores. São Gonçalo, 2007. Disponível em: <<http://www.zonadigital.com.br/redes/adm2/bib/HIST%C3%93RIA%20ORAL,%20FONTES%20DOCUMENTAIS%20E%20NARRATIVAS%20COMO%20RECURSOS.pdf>>. Acesso em: 21 de novembro de 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia de trabalho científico**. São Paulo. Cortez, 2002.

## ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

## **A ENTREVISTA DA PROFESSORA E ALUNOS EM RELAÇÃO AO ENSINO E APRENDIZAGEM**

A professora entrevistada a Sr. Geralda Maria de Souza tem como área de atuação, o ensino fundamental de 1ª a 4ª série. Exerce atualmente seu trabalho de docente na 4ª série da Escola Desembargador Boto, tendo 18 anos de tempo de magistério com formação acadêmica em Pedagogia, com especialização em metodologia do Ensino.

Para a professora o planejamento das atividades docentes é de grande importância, pois ajudará o educador a desenvolver as atividades no seu dia-a-dia, sendo que o seu plano de aula é elaborado semanalmente, procurando sempre alcançar os objetivos propostos.

A sua metodologia é muito importante para o processo de ensino aprendizagem porque visa desenvolver habilidades para o desenvolvimento do educando. E os aspectos no processo avaliativo deve consistir em processo contínuo, onde o educador observa a maneira como cada educando reage diante da aprendizagem.

As estratégias usadas pela professora junto aos alunos que apresentam dificuldades em relação aos conhecimentos, ela procura fazer um trabalho individual até mesmo com a ajuda dos colegas da sala.

Para a professora, os maiores desafios enfrentados no processo de ensino aprendizagem, as vezes, é a falta de interesse dos próprios educandos e a não ajuda dos pais que pouco se interessam na formação dos seus filhos, alguns não estão aptos para ensinar uma tarefa de casa, pois não sabem ler nem escrever, outras não freqüentam as reuniões dos pais e mestre para ter o parecer dos filhos.

Levando em conta a importância de se atualizar no ensino do magistério, a professora procura ler assuntos da Nova Escola, fazer cursos de capacitação quando o mesmo é oferecido pela Secretaria de Educação do Estado.

O processo de interação entre pais e escola é através de reuniões bimestrais com os pais ou responsáveis para que estejam sempre cientes do que acontece com os alunos na escola. Como educadora de seus filhos, um papel tão importante, prevalece um relacionamento muito pouco participativo entre a família e a escola. Sendo a família de suma importância para o desenvolvimento e aprendizagem do educando, interagindo de maneira clara e objetiva com a escola, esta interação pode acontecer de forma passiva onde os pais acompanham os assuntos pedagógicos da escola e, especificamente, do aluno que é o seu filho e que precisa da atenção e reforço escolar dos pais.

A professora procura a interação na sala de aula com temas atuais, com assuntos sempre adequados para a idade e o processo de desenvolvimento. Para a docente embora a tecnologia no processo de aprendizagem seja voltada para obtenção e troca de informação, não está utilizando muitos recursos, só apenas DVD e televisão.

A participação da professora na elaboração do PPP da escola foi ativa, para o processo de sua realização, pois junto com os professores, diretor e vice-diretor obteve um bom trabalho em conjunto.

Já na entrevista com os alunos da 4ª série, tendo como professora a entrevistada. Segundo os alunos a professora trabalha os conteúdos de forma que todos entendam o que está sendo proposto na sala de aula, tirando as dúvidas dos alunos no quadro e na carteira, individualmente, com permanência de dúvidas a professora designa um tempo extra no intervalo da aula para o aluno.

Todos os alunos gostam das atividades, com debates sobre assuntos “interessantes”, buscam se aprofundar em atividades com tarefas que tenham jogos, e estimula os desafios promovendo a interação social.

Os alunos têm uma boa relação com a professora, alguns a respeitam por ser uma “autoridade” na sala, outras gostam da sua maneira, da metodologia utilizando, como compreensão, paciência quando ensina as atividades.

As dificuldades dos alunos eram praticamente as mesmas, que seria a tarefa de casa, pois ficam com dúvida e muitos das vezes não tem nenhum acompanhamento em casa.

Para os alunos as dificuldades encontrada na sala de aula é fazer contas muito grande e leituras extensas que muitas das vezes se tornam chatas, além de que eles reclamavam muito do peso nas mochilas, pois chegavam alguns alunos com dores na coluna. Para eles a professora teria que diminuir os livros na mochila e também passar mais tarefas que tenham jogos.

Todos os entrevistados têm uma interação boa com os colegas, alguns têm mais afinidade com um, e outros com outros.

Para os alunos, todos conseguem aprender o que a professora ensina, quando vem outra atividade fica um pouquinho do assunto passado, aí eles iram aprender outra atividade. Todos têm a mesma resposta quanto a responsabilidade de não aprender um conteúdo, todos dizem que a culpa é do próprio aluno que não presta atenção a explicação fica conversando, não tendo algumas vezes concentração nas tarefas realizadas na sala de aula.

Todos os alunos acham importante as brincadeiras nos intervalos e até necessário para pensarem em outras coisas que não sejam estudar. Todos os alunos ficam brincando da mesma atividade, com uma boa convivência.

Segundos os discentes entrevistados a leitura faz com que eles conheçam outros lugares, coisas novas. O relacionamento do aluno com a ida a escola é proveitosa, pois gostam da professora e de estudar para ser alguém, ter uma profissão um bom emprego e outros alunos acham muita chatice vir a escola todos os dias e além do mais acordar cedo.

### **OBSERVAÇÃO SOBRE A REALIDADE ESCOLAR INVESTIGADO**

A observação feita sobre a realidade da Escola Estadual de Ensino Fundamental Desembargador Boto, localizada na rua Higino Tavares, no centro de Cajazeiras, próximo ao cemitério velho e a algumas residências de classe média - baixa. Esta escola se expande para crianças de outros bairros, como bairro de capoeiras e bairro da Esperança.

A escola Desembargador Boto é composta por quatro salas de aula, uma sala de recurso uma sala de leitura, uma secretaria, uma cozinha, uma dispensa, um almoxarifado, seis banheiros, um pátio interno e um pátio externo. Todas as salas são bem conservadas, com estrutura de boa ventilação e bem coloridos, a escola não tem biblioteca, mas sim sala de leitura, bem decorada onde os professores utilizam para leituras nos livros como: histórias, contos, filmes etc. a cozinha tem sua estrutura bem limpa os profissionais da área trabalham com touca e avental, os banheiros são bem limpos, tanto o piso como os cestos de papel, mas faltam pequenos acabamentos, o pátio interno é confortável para os alunos razoavelmente médio bem arejado e o pátio externo fica na entrada da escola, com plantas bem cultivadas e cuidadas pelos profissionais da escola, tendo sua estrutura sem telhado e arejado pela sua boa ventilação.

A escola Desembargador Boto apresenta uma área física de aproximadamente 993,60 m<sup>2</sup> com uma área construída de 569,28 m<sup>2</sup>, sendo murada utilizando-se de duas esquinas, a paisagem da escola é rudimentar com paredes bem altas ao redor da escola, a rua que dá acesso a entrada da escola e de paralelepípedo e com árvores na frente da escola e um pouco estreita.

Alguns funcionários são novatos, mas outros já compunha o quadro de funcionários da escola Desembargador Boto. Diante de sua funções todos os funcionários se interagem com

os assuntos da escola, e as reuniões são pautadas assuntos entre todas as diversidade em relação ao trabalho escolar.

A gestão escolar está sempre atenta ao que acontece dentro e fora da sala de aula, uma boa aceitação entre os alunos com relacionamento de respeito. Além de tratar de partes burocráticas da escola, procurando sempre recursos didáticos para que os professores coloquem em prática seu Plano de Ensino.

O plano de ensino é elaborado por cada professor semanalmente procurando alcançar os assuntos. Já o calendário acadêmico das atividades cívicas culturais, são todos lembradas e trabalhadas em sala de aula, como: Dia de Tiradentes, Páscoa e também a escola desfila no dia 07 de Setembro.

A Escola Desembargador Boto dispõe do Projeto Político Pedagógico (PPP) apresentado em 2009, com funções de renovação de práticas pedagógicas voltadas para a necessidade de seu educando, na perspectiva de um ensino de qualidade abrangendo o seu corpo docente e discente. A metodologia usada de forma coerente no ensino aprendizagem leva em consideração o processo contínuo, dinâmico e sistemático, levando em conta o aluno como um todo.

## **A OBSERVAÇÃO DIRETO NA SALA DE AULA**

A realização da observação direta na sala do professora Geralda Maria que está atuando como educadora na instituição escolar Desembargador Boto a quase 10 anos, foi de forma observatória.

A professora se encontra na instituição antes do início da aula, sempre assídua no compromisso escolar, os conteúdos abordados estão sempre enquadrados para os alunos com técnicas e práticas diversas, e se demonstra muito participativa em relação a atenção aos alunos.

Os conteúdos são abordados em seqüência de conhecimentos prévios, como forma de integração e adquirindo mais informações, contradizendo com a realidade dos alunos em geral na sala de aula. O tempo das explicações e didáticas são bem distribuídas, pois o que foi proposta na organização de atividades e conteúdos no final da aula estão todos expostos para os alunos.

A professora organiza o tempo para que o seu plano de aula preparado na semana seja seqüenciado com objetivo de transmitir conhecimentos, bem como contribui com a formação

do educando e atender as necessidades. A avaliação desperta no educando um teor de responsabilidade e que o aluno foca as atividades programadas como prova, trabalho e tarefas de casa.

A professora utiliza-se de poucos recursos, pois a escola não é abrangente neste recursos necessário para execução das atividades de forma dinâmica utilizando assim de um trabalho nos aspectos cognitivos, afetivo e psicomotor do aluno.

Os alunos desenvolve bons conhecimentos diante da metodologia de ensino-aprendizagem das professora, os discentes escutam a explicação da professora.

A cooperação e acompanhamento dos pais na vida escolar dos seus filhos é uma grande dificuldade para a escola, essa ausência dos pais no acompanhamento do processo aprendizagem, das tarefas de casa que muitas das vezes volta da mesma forma que foi é um rompimento em relação as práticas educativas, não tendo conquista coletiva de forma comprometida e responsável.